

EDUCAÇÃO E UTOPIA: ATUAÇÃO EM PRÉ-VESTIBULAR COMO PRÁTICA EDUCACIONAL LIBERTADORA

Matheus Rodrigues Dias¹

Resumo

Esse artigo trata de uma reflexão apresentada na XV Semana da Cultura Religiosa na PUC-Rio: “Universidade e Sociedade: troca de saberes e experiências” sobre minha atuação enquanto voluntário no Pré-Vestibular Comunitário Marielle Franco (PVCMF) e como esta pode ser pensada à luz de uma prática educacional libertadora. Propomos esta exposição estruturada sobre uma interpretação do papel da educação para a transformação social. Ao pensar nas bases orientadoras para a estrutura pedagógica de nossas aulas tratamos das utopias, mais precisamente como a educação do desejo e a imaginação de novas formas de existências são fundamentais para as transformações sociais.

Palavras-chave: Educação; Utopia; Pré-vestibular Comunitário; Transformação social.

Introdução

Esse artigo trata de uma reflexão apresentada na XV Semana da Cultura Religiosa na PUC-Rio: “Universidade e Sociedade: troca de saberes e experiências”. À convite da professora da instituição Patrícia Rodrigues, realizei uma apresentação sobre minha atuação enquanto voluntário no Pré-Vestibular Comunitário Marielle Franco (PVCMF). Em diálogo com ela, propomos esta exposição guiada por uma interpretação do papel da educação para a transformação social. Ao pensar em tal possibilidade, tratamos das utopias, mais precisamente como a educação do desejo e a imaginação de novas formas de existência são fundamentais para as mudanças sociais.

Devo destacar que este texto assim como foi a apresentação tem um caráter exploratório. Ao elencar as formas como a educação pode realizar a transformação social opto por uma reflexão teórica. Mas a teoria, não deve estar desvinculada da prática, pois estão interconectadas. Também é central salientar que esta experiência de voluntariado foi realizada conjuntamente ao meu estágio supervisionado da licenciatura em História. Portanto, trata-se da visão de um professor em formação, que busca ao mesmo tempo aprender e aplicar os processos pedagógicos em suas aulas.

Por fim, este artigo tem como finalidade apresentar dois eixos principais: a minha experiência como professor voluntário e como esta atuação pode ser vista como uma prática de educação libertadora. No primeiro ponto, apresentarei o pré-vestibular, o contexto de atuação, e como foi a experiência em si. No segundo, buscarei trabalhar a questão da atuação em pré-vestibulares como prática educacional libertadora.

¹Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, professor voluntário de História do Brasil no Pré-Vestibular Marielle Franco, e monitor no projeto social do Curso Camila Borges.

Atuação no Pré-Vestibular Marielle Franco

O Pré-Vestibular Marielle Franco foi fundado em 2018, e é um projeto social do Instituto Caminhantes. O Instituto é uma das iniciativas da Igreja Batista do Caminho que há 9 anos desenvolve atividades nas áreas de educação e cultura. O pré-vestibular busca democratizar o acesso ao ensino superior e a qualificação para estudantes de baixa renda no Morro da Providência e Região Portuária do Rio de Janeiro. Sua existência deve ser pensada em uma sociedade extremamente desigual, num sistema socioeconômico, o capitalismo, no qual a grande maioria está alijada do acesso a uma vida plena. Além disso, apesar de no Brasil termos Universidades Públicas, a existência dos vestibulares ainda impede que muitos accessem o ensino superior, já que condiciona o acesso ao desempenho em provas.

Retornando a apresentação do Pré-Vestibular, seu nome é uma grande homenagem a uma importante militante pelos direitos humanos. Marielle Franco, uma mulher negra, mãe, e moradora da favela da Maré. Formou-se socióloga pela PUC-Rio, e obteve mestrado em Administração Pública. Foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro. No dia 14 de março de 2018 foi assassinada em um atentado ao carro onde estava. Marielle é um exemplo de luta, e seu legado impactou fortemente a política brasileira com o fortalecimento de candidaturas de mulheres negras nos mais diversos espaços. Sua luta é sempre lembrada, e consolidou-se na memória dos movimentos sociais, e é rememorada nas manifestações pelas palavras “Marielle Presente!”.

O pré-vestibular fica localizado no Mercado Popular Leonel Brizola, e nele atuo como professor de História do Brasil às sextas-feiras. Com a turma pude desenvolver mais de 10 aulas durante o ano, propor reflexões políticas mais aprofundadas, e aprender com meus alunos como a aula poderia funcionar. Foi minha melhor experiência enquanto professor em formação. Os alunos são da classe trabalhadora, e encontram-se motivados e atentos às aulas.

Como esperado, as aulas têm como principal objetivo a preparação para o ENEM. Contudo, apesar de desafiante, não se pode deixar de tentar estratégias que permitam uma maior interação dos alunos com os conteúdos. Através de vídeos e pequenas atividades de interpretação busquei uma maior dinâmica de troca. Por exemplo, ao questionar os alunos sobre o que mais lhes chama a atenção em um vídeo produzido nos anos 1980 sobre o governo Juscelino Kubistchek, as respostas são múltiplas e permitem um aprofundamento de diversos temas que não se encontravam como centrais na aula. Assim como, ao estabelecer conexões entre a tentativa de golpe do dia 8 de janeiro com o golpe Civil-Militar de 1964, pude observar maior engajamento dos alunos, um grande interesse por participar, ser ouvido, e assim contribuir com o debate.

As aulas variavam quanto à participação dos alunos de acordo com os seus interesses. Para captar sua atenção a construção da narrativa era crucial, e quanto mais próxima a uma estrutura de valorização da agência da classe trabalhadora, e da promoção da

reflexão crítica maior era o engajamento. E a percepção das melhores estratégias didáticas foi acompanhada pela própria experiência no estágio e como professor.

Educação popular como prática libertadora

Passemos ao que considero como importantes bases para se pensar em uma educação popular como prática libertadora. No que se refere à questão pedagógica devemos nos aproximar ao exposto por Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia*. Além de valorizar o ser enquanto indivíduo considera que o conhecimento para ser apreendido deve ser resultado de uma troca entre aluno e professor. Não se trata também de pensar a educação apenas como processo de adquirir conhecimentos técnicos, mas compreender a formação em sua totalidade, por meio da promoção de reflexões sobre si, o outro, e o mundo que o cerca.

Na educação popular devemos atuar próximos à classe trabalhadora, e de seus filhos buscando uma articulação entre conteúdo e relações concretas, valorizando suas experiências de vida e seus interesses. Mas de uma forma geral, devemos despertar a perspectiva crítica dos alunos. Atuar em diálogo com os estudantes ouvindo suas experiências. Essa prática quando associada à promoção de debates de ideias e o respeito às diversidades pode, por meio do exercício da imaginação e da reflexão sobre a sociedade, gerar uma participação ativa dos alunos na produção do conhecimento. Deve-se sempre valorizar a experiência dos alunos e suas contribuições.

Somado a isso, devemos pautar nossas aulas por meio de narrativas e valores antirracistas e antissexistas, valorização dos Direitos Humanos e da democracia como definido por Mello (2023) em seu texto *Histórias cruzadas de mulheres negras: por um ensino de história antirracista e antissexista*. Também se torna importante combater o individualismo e a irracionalidade do sistema capitalista como apontado por Paulo Freire. Tais estratégias podem promover o sentimento de pertencimento a grupos, a ideia de um bem comum, a solidariedade e a empatia como valores. E assim, fazer com que os alunos se percebam enquanto sujeitos históricos capazes de intervir no mundo.

Como atuo com a disciplina da História, trarei algumas reflexões mais específicas de seu campo. A narrativa e o ensino de História são os focos centrais para diversos autores, e para pensar sobre o tema nos baseamos em Mello (2023). A estratégia narrativa deve valorizar a compreensão do processo histórico. Para isso, deve conectá-la ao que se observa atualmente, demonstrar que as ideias são forças transformadoras na sociedade. Também devemos trazer à tona histórias que exemplificam a atuação do povo nos processos políticos. Mas não apenas com a perspectiva de classe, devemos conceder espaço para que diferentes grupos oprimidos usem sua voz para comunicar sua participação na História.

O ensino de História, para além de mera preparação para o ENEM, deve servir para a construção da visão crítica do mundo. Para tal, além de destacar outros pontos de vista em

relação à História Oficial, deve-se criar um tensionamento entre História e memória. Dessa forma, assim como apontado por Mello (2023), devemos por meio do ensino de História construir uma educação antirracista e antisexistida visando uma reconfiguração da memória histórica coletiva.

Outro ponto central, também apresentado pela autora, é que a capacidade de crítica e discernimento deve ser desenvolvida no ambiente escolar. No nosso caso específico, a visão crítica deve ser aprimorada e exercitada no pré-vestibular. Por meio das aulas devemos despertar a potencial sensibilidade dos estudantes para que compreendam a articulação entre presente, passado e futuro. Ao refletir sobre os acontecimentos históricos devemos reafirmar a importância de que as narrativas busquem os valores antirracistas, antisexistas e de valorização da agência humana. Trata-se também de revalorizar a potência da imaginação, reabilitar o sonho e a utopia. Não basta explicar, por exemplo, nas disciplinas como a história, as relações entre presente e passado, mas propiciar ferramentas para que o aluno, ao desenvolver senso crítico, possa se ver como agente de transformação. Assim como educar o desejo, atuar para que os estudantes possam desejar de forma diferente, para além do desejo desenvolvido em uma sociedade capitalista.

Por que devemos reabilitar a utopia?

Antes uma breve apresentação do que considero como utopia, e os autores em que me apoio para tal reflexão. Utopia para Vieira (2010) pode ser definida como o desejo por uma vida melhor, causado pelo descontentamento frente à sociedade. Para Ernst Bloch (2005), representa a manifestação do desejo de mudança, mediado pela vontade de querer fazer algo. E para Marcuse (1975), utopia pode ser interpretada enquanto imagens de futuros alternativos alimentadas pela memória, que buscam restabelecer o princípio de prazer frente aos presentes indesejáveis. Esse último autor é quem pesquisou no PIBIC, mais precisamente sua obra *Eros e Civilização*. Nela, reflete sobre a função crítica da fantasia, como a recusa em aceitar as imposições à liberdade e felicidade pelo princípio de realidade, o mesmo que é responsável por toda organização da sociedade. A memória alimenta o desejo por liberdade, e transmite à imaginação as imagens da libertação que só podem se efetivar por meio da arte ou da ação histórica. Cabe destacar que mesmo em meio a crises políticas, a rebaixamentos do horizonte de ação, a memória sob seu aspecto de guardiã das promessas não cumpridas seguiria como este motor, pois, carrega consigo as potencialidades e as promessas não realizadas. A utopia não pode morrer enquanto existir memória.

Mas, por que tratar de educação e utopia? Acredito que além da própria atuação enquanto professor ser guiada por esta ideia da necessidade de transformação social existe pontos específicos que as podem conectar. Dentre elas, a educação do desejo, trabalhada por alguns autores como Nadir (2010), em seu texto *Estudos utópicos, literatura ambiental*, e o

legado da ideia: educação do desejo em Miguel Abensour e Ursula K. Le Guin. Educar o desejo consiste em aprender a desejar de uma nova forma, desejar o ainda não existente. Portanto, através da educação podemos despertar nos estudantes o desejo de mudança, assim como, fazê-los despertar o desejo de novas sociedades possíveis. A utopia não precisa ser predeterminada, pode ser aberta, transformar-se continuamente. Portanto, não se trata de ensinar aquilo que acreditamos como deveria ser a sociedade, mas através do debate e da construção coletiva pautada por valores democráticos, de valorização dos DH, construir uma sociedade mais justa.

Outra importante reflexão exposta em *Os Despossuídos* de Le Guin nos lembra da necessidade de ecotopias abertas. Não existe apenas uma saída, mas há apenas uma Terra. Então, precisamos trazer ao centro do debate a necessidade de pensarmos nas mudanças climáticas. Atuarmos para que possamos preservar o planeta, e transformar o atual sistema econômico que é predatório e caminha em direção ao abismo. Não se trata de saídas naturalistas ou neomalthusianas, mas de vermos que o capitalismo não é compatível com a dignidade humana nem com a preservação do planeta.

Considerações Finais

Com este artigo, proponho uma possível interpretação. Destaco a importância da educação como prática que possa despertar o pensamento utópico. A imaginação de novos mundos possíveis, e o fortalecimento da perspectiva que enxerga na agência humana a possibilidade de transformação. Educar o desejo é necessário, para que se reanime nos indivíduos a vontade de um outro mundo possível. Restabelecer o prazer na vida em comunidade, também passa pelo reconhecimento das bases das desigualdades de gênero, de raça e classe.

Ao refletir sobre o ensino de História devemos reafirmar a importância de que as narrativas busquem os valores antirracistas, antisexistas e de valorização da agência humana, principalmente dos grupos invisibilizados. Os alunos devem se perceber enquanto sujeitos históricos capazes de intervir no mundo. Parte desse processo passa também pela revalorização da imaginação e da utopia, para combatermos, como exposto por Paulo Freire, o individualismo e a irracionalidade do sistema capitalista, principalmente sob a sua fase atual do Neoliberalismo e das tendências da extrema direita.

Por fim, a falta de horizonte, a dificuldade em se projetar alternativas parece ser a regra da sociedade atual. O realismo capitalista, como apontado por Fischer (2020), parece ter esgotado nossa imaginação. Para alguns seria mais fácil pensar no fim do mundo devido às mudanças climáticas do que no fim do capitalismo. Contudo, contra esse problema, deve-se retomar o pensamento utópico, por um mundo mais humano, menos desigual e que promova

uma mudança real para salvar o planeta da catástrofe, a própria humanidade e aquilo que nos faz humanos.

Questões para reflexão:

1. Qual o papel das utopias na sociedade atual? Acredita ser possível a construção de novos sistemas político-sociais mais justos?
2. A educação pode realizar a transformação social em um país tão desigual? Se sim, como?
3. O que compreendemos por *educar o desejo*?

Referências bibliográficas

ABENSOUR, Miguel. *O novo espírito utópico*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Fazer defeitos na memória*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Trad. Nélio Schneider, Werner Fucks. Rio de Janeiro, Contraponto, 2005.

BRUNER, Jerome. *Ensinando o presente, o passado e o possível*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001, pp. 90-99.

FISHER, Mark. Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Autonomia Literária, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 6ª edição. Tradução Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

MELLO, Juçara. Histórias cruzadas de mulheres negras: por um ensino de história antirracista e antisexistista. In: Iamara Viana; Valéria Costa. (Org.). *Mulheres Afro-atlânticas e Ensino de História*. 1 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023, v. 1, p. 279-308.

NADIR, Christine. *Utopian studies, environmental literature, and the legacy of an idea: Educating desire in Miguel Abensour and Ursula K. Le Guin*. Utopian Studies, v. 21, n. 1, p. 24-56, 2010.

NORA, Pierre et al. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

VIEIRA, Fátima. *The concept of utopia*. The Cambridge companion to utopian literature, v. 3, p. 27, 2010.